

“Meu objetivo sempre foi contar a história de Òyó, na oralidade ou no livro”: entrevista a Gercy Ribeiro de Mattos, o Mestre Cica de Òyó

Gercy Ribeiro de Mattos¹
Julio Souto Salom²

Resumo: O Mestre Cica de Òyó, Gercy Ribeiro de Mattos é Bábàlórìshà de Batuque e cambone de Umbanda, professor de idioma Yorùbá, escritor e pesquisador da ancestralidade afro-brasileira desde a tradição de Òyó. Além da sua atuação nos espaços de educação tradicional e nos fóruns de discussão política da educação e cultura, colabora com a UFRGS e outras universidades no “Encontro de Saberes” e outros projetos. Nesta entrevista rememora sua trajetória pessoal em conexão com seus antepassados. Explica a experiência de escrita do livro *O Batuque da Nação Òyó no Rio Grande do Sul* em continuidade ao seu trabalho cultural oral, com a possibilidade de acessar espaços acadêmicos restritos e confrontar descrições deturpadas da sua ancestralidade. Defende a importância de fortalecer as mestras e mestres, inclusive com o reconhecimento do seu Notório Saber nas universidades, tanto para a descolonização do sistema de ensino quanto para a luta cotidiana contra o racismo.

Palavras-chaves: Mestre Cica de Óyó, Umbanda, Encontro de Saberes

“My goal has always been to tell the story of Òyó, orally or in a book”: an interview with Gercy Ribeiro de Mattos, Mestre Cica de Òyó

Abstract: Master Cica of Òyó, Gercy Ribeiro de Mattos, is Bábàlórìshà from Batuque and Cambone from Umbanda, teacher of the Yorùbá language, writer and researcher of Afro-Brazilian ancestry in the Òyó tradition. In addition to its work in traditional education places and in educational and cultural political discussion forums, he collaborates with UFRGS and other universities in the Meeting of Knowledges and other projects. In this interview he recalls his personal journey in connection with his ancestors. He explains the experience of writing the book *O Batuque da Nação Òyó* in Rio Grande do Sul as a continuity with his oral cultural work, which he sees as a possibility of accessing restricted academic spaces and confronting distorted descriptions of his ancestry. He defends the importance of strengthening masters of the traditional culture and knowledges and that the universities certified then as people of Notorious Knowledge, as a way of decolonizing the education system and of fighting against racism.

Key words: Master Cica de Óyó, Umbanda, Meeting of Knowledges

¹ Conhecido como mestre Cica de Óyó, é griot, babalorixá, escritor e pesquisador das culturas africanas e afro-brasileiras.

² Doutor em Sociologia PPGS/UFRGS. Integrante do Laboratório Urgente de Teorias Armadas (LUTA/NEABI/UFRGS).

Apresentação

O Mestre Cica de Òyó, Gercy Ribeiro de Mattos é Bábàlòrìṣà de Batuque e cambone de Umbanda, professor de idioma Yorùbá, escritor e pesquisador da ancestralidade afro-brasileira desde a tradição de Òyó. Nascido em Santa Maria da Boca do Monte em 1957, foi criado no terreiro da família, onde conheceu as histórias e tradições contadas pelos mais velhos e mais velhas. Pertencente à linhagem espiritual fundada por sua trisavó Ermínia Manuela de Araújo, a Ìyálòrìṣà Donga de Òṣùn, seguiu os aprendizados de seu avô, Máximo de Ode. Como detentor de tradições orais, Mestre Cica vem há décadas divulgando os saberes ancestrais através do ensino da língua e cultura yorùbá em casas de tradição e escolas públicas, um ativismo cultural para o qual fundou a associação *G Cultura Africana*, sediada no bairro da Restinga. Com profundo envolvimento na defesa e promoção das religiões afro-riograndenses, atua politicamente em conselhos de diversos órgãos de representação na esfera pública, como o Colegiado para a Diversidade Linguística do Conselho de Cultura do Rio Grande do Sul. Entre suas iniciativas estão a organização de eventos como os *Encontros de Povos Originários e Hereditários do Continente Africano*, realizados em Porto Alegre através de uma parceria com a ACBANTU – Associação Cultural de Preservação do Patrimônio Bantu. Articulou parcerias com as universidades, participando no *Encontro de Saberes* na Universidade Federal do Rio Grande do Sul³, na Universidade Federal de Roraima⁴ e na Universidade Federal de Minas Gerais⁵. Paralelamente, decidiu verter a oralidade para o papel, escrevendo o livro *O Batuque da Nação Òyó no Rio Grande do Sul* (2021). Acompanho ao Mestre Cica desde 2015, quando tive a oportunidade de assistir às suas aulas de idioma Yorùbá em terreiros de Batuque em Alorada (RS) e manter as conversas filosóficas que basearam minha pesquisa de doutorado (SALOM, 2019). Durante o distanciamento forçado pela pandemia, o auxiliei como assistente editorial remoto na

³ O site do Encontro de Saberes da UFRGS apresenta um breve perfil dos Mestres e Mestras participantes e disponibiliza trabalhos realizados pelos estudantes nesse contexto. Perfil de Mestre Cica de Òyó no Encontro de Saberes da UFRGS: https://www.ufrgs.br/encontrodesaberes/?page_id=712. O Mestre Cica de Òyó também participou na disciplina “Ensino de História africana e afro-brasileira” do Mestrado Profissional em História da UFRGS, com gravação de aula síncrona aberta: <https://www.youtube.com/watch?v=8wsbQ6hyxzU>

⁴ Gravação do Encontro de Saberes da UFRR com a participação do Mestre Cica de Òyó: https://www.youtube.com/watch?v=x_tZZQc-LRs&t=191s

⁵ Gravação do curso “Saberes Tradicionais” da UFMG com a participação do Mestre Cica de Òyó: <https://www.youtube.com/watch?v=aB14deAGT6M>

revisão e organização do seu livro, a partir da troca de e-mails e videochamadas recorrentes. Esta entrevista foi gravada presencialmente em abril de 2023, transcrita por mim e depois apresentada para eventuais modificações ou correções. Nela, o Mestre fala sobre a sua trajetória no Batuque e a sua atividade cultural, reflexionando principalmente sobre a relação entre a oralidade e a escrita. Acompanhando a entrevista inserimos alguns fragmentos do seu livro *O Batuque da Nação Òyó no Rio Grande do Sul* (2021), indicando a página e o título do capítulo.

Conte-nos um pouco sobre sua trajetória e sua atividade cultural.

Meu nome é Gercy Ribeiro de Mattos, nascido no Rio Grande do Sul, Brasil. Sou um Bábàlórìsà, o que popularmente chamam “pai de santo”, no Batuque da Nação Òyó. Sou a quarta geração de Ìyá Donga de Òsùn, sendo neto de Máximo de Ode, que iniciou Clélia de Òsàlá Fumiké, ela me aprontou em 11 de dezembro de 1979. Sou também um escritor e pesquisador. Estou no Colegiado Setorial da Diversidade Linguística do Estado do Rio Grande do Sul, como conselheiro, delegado de Povo de Matriz Africana em Terreiros. Sou também professor do idioma Yorùbá, dou curso para Casas de Tradição do Batuque de Nação no Rio Grande do Sul, tenho uma escola particular e dou aula também em certas escolas.

Tudo o que eu contarei neste livro é fruto do aprendizado pela vivência. No meu ver e viver, todo meu tempo de vida foi dentro da tradição de Òyó. Venho desse costume desde o dia que nasci, em uma tradição familiar de conviver em terreiro em que viviam adoradores e seguidores de Òrìsà. (“Da Nação de Òyó no Rio Grande do Sul até meu início na tradição”, OYQ, 2021, p. 24)

Minha trajetória na tradição começa desde criança, com 7 anos, como cambone. Cambone é que nem um assistente dentro da religião Umbanda. E a Umbanda é uma religião que está no Brasil desde o século XIX. Hoje estou completando 58 anos, e desde os meus 7 anos sou cambone da Umbanda. Dou assistência até hoje, ininterrupto desde que comecei, para a entidade que precisa de mim. A minha trajetória, ela já vem enraizada desde minha família. Toda a minha família, sendo ela de Umbanda e de Batuque também. A atividade cultural que eu faço é relevante sempre olhando e vendo para o lado do Batuque e da Umbanda.

No livro que eu escrevi falo sobre a tradição do Batuque de Òyó, que veio da África, com o povo escravizado, pela história contada aqui no Brasil. E a Umbanda, da mesma forma, era feita pelo povo africano também, filhos nativos que eram escravizados aqui no Brasil.

Recentemente publicou o livro *O Batuque de Nação Òyó no Rio Grande do Sul (2021)*, um livro que combina suas memórias pessoais com a história de Òyó na África e no Brasil. Conte um pouco sobre a elaboração deste livro e o que encontraremos nele.

Quando eu escrevo o livro *O Batuque de Nação Òyó no Rio Grande do Sul* é sempre pensando nos meus ancestrais de Òyó que chegaram aqui no Brasil no século XIX e no fim do século XVIII, através de Pernambuco. No livro eu conto a história das minhas ancestralidades, das minhas raízes, das minhas origens, da minha linhagem. Eles chegaram em Pernambuco e de Pernambuco, como a história conta, vieram para o Rio Grande do Sul, como povo escravizado, para trabalhar nas charqueadas.

A motivação para escrever surgiu ouvindo falatórios errados, que ainda a dia de hoje acontecem nas faculdades, por antropólogos ou por escritores, com falas distorcidas, o que me preocupou muito.

E eu fui ao encontro da minha lembrança, do que eu vi, do que eu ouvi na oralidade, do que eu vivo na oralidade, tudo que me foi contado da história de Òyó na oralidade, aqui, dentro das nossas casas de tradição. E eu resolvi escrever um livro.

Sem meias palavras, quando se fala de Òyó, quem diz a que bacía pertence, nota-se que aquelas pessoas que eram desconhecidas quando começaram a conversa, ao se identificarem deixam de ser estranhos um ao outro, e aí que vem a saber que origem e de que bacía veio em tradição de Òrìṣà. Enquanto estivermos falando e praticando nossa tradição, ela fica cada vez mais viva. Quando eu escrevo, não estou querendo dizer que quero mudar a oralidade, mas mostrar que nossas ancestralidades nos deixaram um legado muito rico, tanto que não precisamos beber de fonte de outras etnias. (“A minha oralidade para o papel”, ÒYÒ, 2021, p. 20).

E escrevi esse livro feito a partir das minhas memórias, mas eu não fiquei completamente satisfeito, e fui buscar a história da Nação Òyó, do Império de Òyó, lá na África.

Entrei em contato com pessoas que me mandariam, e me mandaram, material histórico desde a Embaixada Cultural do Palácio do Aláàfin de Òyó. O Império de Òyó

existe até hoje na África, até hoje tem rei, que é considerado um dos reis mais importantes do continente africano. O rei de Ọ̀yọ́ chama-se Aláàfin, e ele comanda Palácio de Ọ̀yọ́, que existe até hoje. Eles me enviaram todo o material sobre a fundação de Ọ̀yọ́, há muitos séculos. Aí, com a autorização do Palácio do Aláàfin de Ọ̀yọ́, eu coloquei essas informações no livro, coloquei a fotografia do Aláàfin de Ọ̀yọ́ e outras imagens e textos que eles me enviaram. Então, essa foi a minha grande parceria no livro, o qual eu comecei a escrever durante a pandemia e publiquei, concluído, no final de 2021.

A autoridade dos reis e príncipes da nação Yorùbá continua a ser respeitada na República da Nigéria. O Aláàfin de Ọ̀yọ́, sendo o guardião dos costumes e tradição, tem o legado de preservar a tradição imemorial que é parte da identidade e memória da Comunidade. O Aláàfin é considerado como “Igbákejì Ọ̀rìṣà”, que significa “o segundo em comando depois do Ọ̀rìṣà”. Sua posição como governante divino é solidificada através de vários ritos tradicionais. Ele é o chefe de seu povo na esfera inseparável de administração, religião e justiça. O atual Aláàfin de Ọ̀yọ́, Sua Majestade Lamidi Olayiwola Atanda Adeyemi, descende da família Alowolodu, e nasceu em 15 de outubro de 1938. Ele foi aclamado no dia 14 de janeiro de 1971, sucedendo o Aláàfin Gbadegesin Ladigbolu II. Ele foi introduzido nos ritos e mistérios de Ṣàngó e outros Ọ̀rìṣà, e foi iniciado nos conhecimentos e tradições ancestrais. Sua majestade imperial é o representante direto das divindades Yorùbá na terra, tem conhecimentos da cultura tradicional e é o principal responsável pela defesa, proteção e preservação dos símbolos e dos valores vindos da ancestralidade Yorùbá. (“Reinados em Ọ̀yọ́”, Ọ̀YỌ́, 2021, p. 38).

Com esse livro, o que me interessa muito é procurar chegar até o conhecimento da academia, como já está chegando. Alguns exemplares desse livro já estão em mãos de vários antropólogos no Brasil e fora do Brasil, porque sei que foi para fora do país também, e eu tenho o maior prazer por dar a chance a esses professores e acadêmicos de saber a história, de saber quem é Ọ̀yọ́.

No livro coloquei toda a história dos meus antepassados, dos trisavós, dos pais dos meus trisavós, que vieram escravizados de Ọ̀yọ́. Também falo da nossa tradição de Ọ̀rìṣà, explicando nossos fundamentos e ritos, como por exemplo o começo do iniciado na tradição após seu nascimento, a Akúijé de Olóde de rua e a casinha do Ọ̀bàrà dentro de casa, Ọ̀gá ìlù e o tambor, aṣògún e a faca, aláṣè e cozinha

de obrigação, a roda, a balança, as oferendas, bater a cabeça, o que é um àșerò e como ele fala, além de escrever as rezas para os Ọ̀rìșà no Batuque de Nação Ọ̀yọ́ e um glossário de palavras Yorùbá.

Acho lindo o colorido dos tecidos brilhosos e decorados, é de se encantar, desde que todo o brilho do așó não mude a personalidade de quem o veste, nem deixem a luz do Ọ̀rìșà enfraquecer por uma mudança pelo progresso e não ultrapasse limites em suas soberbas por motivo de roupa (“O uso de așó (roupa) na tradição”, Ọ̀YỌ́, 2021, p. 163).

A importância do livro é para que esse conhecimento chegue, como está chegando, tanto na academia, como nas escolas públicas. E também nas mãos de Bábàlòrìșà e Ìyálòrìșà da nossa tradição, tanto do Batuque quanto em outros segmentos da tradição de Ọ̀rìșà, ou inquite dentro do Brasil, do povo banto. Tem irmãos do povo banto que estão com o livro também.

Então, esse foi o meu objetivo, sempre foi esse: contar a história de Ọ̀yọ́. E eu achei que também poderia fazer isso, não só na oralidade, não só em cursos, não só com as aulas de idioma yorùbá que eu ensino, mas também através da escrita. O que vão encontrar dentro do livro é a história real, que é, que foi, e o que é até hoje o Império de Ọ̀yọ́, no ocidente do continente africano, lá na Nigéria, e a sua diáspora no Brasil.

A introdução do livro é titulada “A minha oralidade para o papel”. Por que um mestre da oralidade como o senhor teve interesse em colocar seu saber em páginas escritas?

A introdução do livro se dá por ser muito forte, aqui no Rio Grande do Sul, essa tradição de Ọ̀yọ́, como um lidar com Ọ̀rìșà, mas também como cultura e filosofia, como psicologia e como psiquiatria, também. Um Bábàlòrìșà ou uma Ìyálòrìșà é tudo isso, sem ser necessário ele ou ela estar na academia. Essa é a prática que nós fizemos dentro dos nossos terreiros de Batuque, da Nação Ọ̀yọ́ e outras nações que tem aqui também (mas eu falo de Ọ̀yọ́, porque é Ọ̀yọ́ que eu vivo e do que eu falo no livro). Então, a gente só precisa da academia quando se é necessário porque a parte social nos exige, senão a gente não precisaria usar a academia. Os saberes já estão dentro das nossas casas, com a formação dos nossos Bábàlòrìșàs e Ìyálòrìșàs. Dá para dizer que são grandes defensores, fazem grandes ajudas para a humanidade através das nossas casas. Então é

muito importante sim nós existirmos. E isso não poderia ser através da fala, eu falando. O que eu fiz?

Eu escrevi para ter leitores que não convivam comigo, esse livro está em mãos de pessoas que eu não conheço, pessoas que ficaram sabendo através de outros, de amigos, de quem fez o livro também, quem me ajudou a fazer o livro. E tem a fala da academia, tem no livro sim, claro que tem. Tanto é que no livro está a foto do Aláàfin de Òyó, e ele era um acadêmico, um advogado. Em questão de ajuda, tive ajuda de acadêmicos, muito importantes pra mim, doutores de academia, dentro de cada uma das suas áreas, as quais eu procurei. Eles me ajudaram para fazer uma parte acadêmica, no prefácio, e eu fazer a parte da tradição, a parte da comunidade, a parte da minha fala de comunidade.

Vejo que para ser um líder de uma casa existem vários trabalhos que o Bábàlórìṣà ou a Ìyálórìṣà desenvolvem, sem ser acadêmico. A própria maneira que se vive dentro de um terreiro, linda, com pessoas de todas as idades. O Bàbá ou a Ìyá desempenham várias atividades que uma academia ensinaria com muitos cursos, como serviço social, pedagógico, psicologia, antropologia, saúde que é feita com curas, psiquiatria, ginecológico e várias outras atividades. Ainda acrescento geriatrias, berçários e creches, que desde as décadas anteriores em nossas casas sempre se cuidaram das crianças, filhas e filhos de prostitutas ou de empregadas domésticas, sendo ou não da tradição da Nação Batuque. (“A função de um Bábàlórìṣà e de uma Ìyálórìṣà ao meu ver na tradição dentro do Batuque”, OYQ, 2021, p. 139).

Então todas essas questões me preocupavam e me levaram a querer fazer o livro ser colocado no papel, para não ficar só na oralidade. Porque lamentavelmente a oralidade muitas vezes é distorcida para quem escuta ou para quem ouve, chega de outra forma. Então a coisa que eu mais queria era deixar esse conhecimento no papel, com o escrito eu sou o papel. Se alguém lá adiante falar, por exemplo, através de mim, uma palavra que não está escrita no livro, uma palavra diferente do que eu quis dizer, uma outra pessoa, estando com o livro na mão, pode dizer “não é o que está escrito no livro”. Então é importante sim a escrita, por isso que eu fiz e estou preparando mais livros ainda nesse momento. Mas não estou dizendo que eu não continuo sendo uma pessoa da oralidade, sou sim uma pessoa da oralidade.

No seu livro conta com muito detalhe histórias de pessoas importantes para a Nação Ọ̀yọ́ no Rio Grande do Sul, como Donga de Ọ̀ṣùn, Emília de Oyá Lajá ou Máximo de Ọ̀ḍẹ. Fale um pouco destas pessoas e sua importância. Acredita que eles, assim como outras personalidades importantes afro-brasileiras, tem o reconhecimento que merecem na história que se ensina nas escolas e universidades?

O que eu mais falo é que, aqui no Rio Grande do Sul, o povo Yorùbá chegou há mais de 200 anos. Hoje temos que aumentar esses 200 anos, a gente vai falando de 210 anos, 220 anos. O povo Yorùbá chegou aqui no Brasil em Recife, em Pernambuco, e logo em seguida eles vieram para charqueadas no Rio Grande do Sul.

Para se falar de tradição, com o costume, o rito de Ọ̀rìṣà, se vê que aqui viveram quatro grandes matriarcas, muito fortes. Foram senhoras de Ọ̀rìṣà Ọ̀ṣùn, de Ọ̀rìṣà Iansã (que é Ọ̀ya) e de Ọ̀rìṣà Ṣàngó. Todas elas eram de Ọ̀yọ́, seus pais vieram de lá. Elas nasceram em Pernambuco, mas seus pais, seus avôs, vamos dizer assim, seus ancestrais nasceram em Ọ̀yọ́, e elas quatro formalizaram muito fortemente o Batuque de Nação Ọ̀yọ́, o fortaleceram e basicamente deram muitas raízes para ser dito hoje Batuque no Rio Grande do Sul, como nação.

E na época, como tinham poucas casas, o toque era feito só numa casa de cada vez, para que um ajudasse o outro nas obrigações. Minha tataravó Donga era ajudada pela vó Andrezza, sendo as duas da mesma Ọ̀ṣùn. A Princesa Ọ̀ya Làjà fazia parte dessa parceria, e assim elas viviam, e com outra amiga de minha tataravó Donga, Ìyá Diolinda de Ṣàngó, faziam suas obrigações muitas vezes no silêncio, sem o toque do tambor, só tocado com agè. Eu fui ao Batuque nos anos 1980, na casa de tia Nadir de Ọ̀ṣàlá Olokun que começava o toque às 20 horas e terminava as 22 horas. As mais velhas eram vó Araci de Ọ̀ḍẹ e vó Sara de Ọ̀ya, eram momentos maravilhosos (“As obrigações e festas dos Batuques da antiga aqui”, Ọ̀YỌ́, 2021, p. 98).

Eu vou citar o nome dessas quatro matriarcas. Da minha linhagem, a minha trisavó é conhecida como Donga de Ọ̀ṣùn. E ela, a Donga de Ọ̀ṣùn, ela inicia na nação de Ọ̀yọ́ um homem chamado Antônio de Ọ̀ṣùn. A partir de Antônio de Ọ̀ṣùn, quem vem a ser filho dele é o meu avô, Máximo de Ọ̀ḍẹ, e é a partir dele, pela oralidade, que eu venho a escrever o livro. Ele tinha um conhecimento muito grande sobre o que é Ọ̀yọ́, sobre o que é Batuque, em geral, em todo o Brasil. Máximo de Ọ̀ḍẹ vem a ser, desde os seus 12 anos, um marinheiro embarcado em navio mercante e torna-se um cozinheiro.

Então ele fica mais de 50, 60 anos, fazendo o intercâmbio do Brasil com a África, e cada vez que ele chegava em terra no Brasil, nas casas de tradição, com as pessoas de confiança dele, ele levava a cultura pra lá, ele levava o conhecimento dele pra lá. Aonde ele passava tanto Bahia, Pernambuco, nos portos em que ele ficava, ele encontrava as pessoas e deixava lá o seu conhecimento. É isso o que eu falo no livro, até. Isso mesmo aconteceu aqui no Rio Grande do Sul. Veio para o Rio Grande do Sul também, essa ajuda dele. É fonte que eu levo até hoje, ele sendo meu avô.

É contado um acontecimento por muitos da época, no ano de 1951, sobre o Ọ̀rìṣà Ọ̀ḍẹ. O meu vô Máximo de Ọ̀ḍẹ era um Olórìṣà (pessoa que se manifesta com Ọ̀rìṣà) e no dia 23 de abril de 1951 estava acontecendo um Batuque em uma homenagem a Ọ̀ya, da saudosa Ìyálórìṣà Apolinária... (“Milagre de um Àtòrunwá, divindade”, Ọ̀YỌ, 2021, p. 84).

E através dele vem o conhecimento da avó dele, que é minha trisavó, Donga de Oṣùn. que era amiga de outras matriarcas: Andrezza de Ọ̀ṣùn, Emília de Ọ̀ya Làjà, e mãe Diolinda de Ṣàngó Ọ̀nì.

O meu avô, com o tempo, por ordem da minha trisavó, Donga de Ọ̀ṣùn, que era a avó dele, ele começa a circular também com essas grandes Ìyálórìṣàs. Por essa proximidade que é conhecida a história de que a grande Emília de Ọ̀ya Làjà, da Iansã, era uma princesa. Ela chega como criança, mas ela vem de berço de reinados, ela chega sendo princesa.

É sobre essas mães, também, que vou contar a história delas no livro, porque eu convivi com a vó Araci, que morreu com cento e vinte e três anos de idade, que era a filha de santo da mãe Emília de Ọ̀ya Làjà. Eu convivo até hoje com José Olímpio de Ọ̀gún, que é bisneto da mãe Andrezza de Ọ̀ṣùn. E a minha Ìyálórìṣà, Clélia de Ọ̀ṣàlá, nasceu na casa de mãe Diolinda de Ṣàngó Ọ̀nì, e ficou como filha de santo dela, calculo eu, até os seus 12, 13 anos, dentro da casa da mãe Diolinda de Ṣàngó Ọ̀nì.

Também era falado, e vou contar, o que ela [A Ìyálórìṣà Diolinda de Ṣàngó] fazia quando chegava a polícia montada a cavalo, em perseguição, querendo fechar as casas de Batuque de tradição de Ọ̀rìṣà, mandados pelos padres católicos que diziam “tem que acabar com a religião desses negros do demônio!”. Isso era na época de 1930, ou por aí. Nessa época, durante o tempo que durou a perseguição e a

diáspora religiosa, em se tratando de casa de Nação da tradição de Òrìṣà, o Batuque aqui no Rio Grande do Sul, a polícia entrava a cavalo até a porta do salão... (“Sàngó na proteção das casas de Nação”, OYÓ, 2021, p. 69).

Em março deste ano participou em um congresso na UFRGS⁶ em que, além de professores universitários, encontrou ativistas, mestras e mestres dos saberes de matriz africana, como a Mãe Anacleta Pires, da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ). Como foi o encontro com Mãe Anacleta? Tem conhecido outras mestras e mestres a partir da participação na universidade?

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a UFRGS, tem me dado muitas chances e oportunidades de conviver com lideranças dentro do Brasil. E uma delas foi neste congresso na UFRGS, que veio como palestrante a grande líder quilombola Mãe Anacleta, liderança quilombola de Santa Rosa dos Pretos, em Itapecuru Mirim, Maranhão. Ficou conosco aqui 3 ou 4 dias, ou até mais se não me engano, mais ou menos foi assim. Ela é uma grande pessoa, grande liderança, grande conhecimento, aprendi muito com ela, fizemos uma troca de saber muito importante. Eu aqui no Rio Grande do Sul, no extremo daqui, e ela lá no outro extremo, bem longe do Rio Grande do Sul, que é no Maranhão. Foi espetacular, foi assim uma troca, que essa troca nós vamos levar e vamos ensinar e vamos passar para quem quiser nos ouvir, para quem tem a certeza que é muito importante para a academia saber de nós, através da Mãe Anacleta, através de mim, através de mais parceiros que estavam juntos nesse encontro. Então foi muito importante, sim, foi muito importante eu ter esses dias junto com essa grande liderança Anacleta aqui no Rio Grande do Sul. E passo por várias outras lideranças também, de outras formações, também lideranças na academia, de grandes professores e grandes defensores das próprias terras, até de África, que seguidamente estão comigo aqui, através também da UFRGS.

⁶ Seminário “*Terra, Território e Resistências: temas emergentes para a sociologia no sul global*”, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (6-9/03/2023). A participação do Mestre Cica de Òyó aconteceu na “*Mesa 1: Sociologia do instável e a partir da encruzilhada*”, junto aos professores José Carlos Gomes dos Anjos (UFRGS) e Marcelo Rosa (UFRRJ), com a gravação disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4u0JMI5BILg>. A participação de Mãe Anacleta aconteceu na “*Mesa 3: Resistências, corpos e territorializações*”, junto a cacica Kaingang Iracema Gãh Té (Retomada Kaingang/Xokleng Gãh Ré, Porto Alegre) e os professores Igor de Sousa (LUTA/UFRGS) e Natália Cabanillas (Unilab), com a gravação disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4V7p3Wg5EI>.

Também no momento eu faço outra parceria com a UFRGS, no grupo *Éko Èdè Yorùbá – Grupo de Estudos de História e Cultura Yorùbá na África*⁷, coordenado pelo professor José Rivair. estamos traduzindo um livro, que ele apenas está em inglês, para o português. O livro é muito importante, sobre a história do povo Yorubá, escrito pelo missionário, pelo bispo Samuel Ajayi Crowther. O projeto vai durar dois anos e eu faço assessoria sobre Yorubá.

Outro sacerdote que continuou essa estratégia [deturpar a tradição Yorùbá] foi o missionário e escritor Samuel Crowther, nascido em 1810, em Oşogun, aldeia pertencente a Òyó, que traduziu a escrita da Bíblia do inglês para o Yorùbá. Com essa atitude ajudou muito os cristãos a fazerem, com mais facilidade, a lavagem cerebral de muitos filhos de nativos da tradição. Ele fez o primeiro dicionário em Yorùbá, mas ele viu tanta bestialidade e absurdo que tinha feito o padre Noel Baudin com a cultura de sua raiz, e muito Samuel foi contra o padre, no que pode. O padre Noel Baudin fez em barbaridade com nossa tradição de Òrìşà, que até nos dias de hoje fortaleceu certos antropólogos, escritores e curiosos nas academias. (“Deturpações de colonizadores e missionários sobre os Òrìşà”, OYQ, 2021, p. 123).

Então é importante, sim, que essas lideranças venham através de faculdade de UFRGS, mas também que eles tenham a oportunidade de conhecer a comunidade da nossa etnia, nossa comunidade aqui no Rio Grande do Sul.

Quais são atualmente as principais ameaças para o Batuque? Pode nos contar sobre o Ilê Afro Xangó de Ibeji regentado pela Iyá Cláudia Chu em Alvorada e a articulação que fizeram para se defender do caso de perseguição que sofreram?

A diáspora não encerrou até o dia de hoje. Como ela inicia em vários lugares do mundo, fortemente em África, ela veio para o Brasil. E essa diáspora continua até o dia de hoje, atualmente somos perseguidos por seguidores de outras religiões. Nós somos

⁷ Este grupo de estudos resulta de uma parceria entre o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, NEAB-UFRGS, e a organização popular GEL Cultura Africana, sediada no Bairro Restinga, em Porto Alegre. Em conversa com Mestre Cica de Òyó, surgiu a ideia de se criar um espaço de discussão cujo foco estivesse dirigido para as matrizes africanas da cultura yorubá. Para a montagem do sítio eletrônico do projeto existiu o apoio institucional e financeiro do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – Núcleo do Rio Grande do Sul. Mais informações do grupo: <https://www.ufrgs.br/culturayoruba/>

perseguidos em todo o Brasil, não só no Rio Grande do Sul. Eles querem nos proibir de cultivar a nossa tradição.

As perseguições e proibições de frequentar as Casas de Nação Batuque vêm de longe, e vem a dar essa diáspora religiosa das nossas casas. Nossas casas eram chamadas pelo opressor de “casa de macumba”, “ritual do demônio”. Essa é uma palavra que nós não usamos, no meu ver, quem a usa é ele próprio. Essa perseguição é conduzida através do cristianismo, sendo elementos de outra etnia. Nossos vizinhos, frequentadores dessa cultura cristã, olhavam nossa tradição e levavam ao conhecimento dos Padres e Sacerdotes paroquiais, e esses levavam ao conhecimento dos políticos, Delegados de Polícia e autoridades militares do tempo do DOPS. (“A diáspora com nome de perseguição religiosa”, OYQ, 2021, p. 96).

E aqui no Rio Grande do Sul acontece fortemente, aqui em Porto Alegre acontece fortemente. Está acontecendo ainda dia a dia.

Cláudia Chu é uma Ìyálórìshà de muita importância na comunidade. Ela é mãe do Ilê Afro Xangó de Ibeji, que fica em Alvorada, na grande Porto Alegre. É nesse terreiro o qual eu faço parte como produtor cultural, sou coordenador de cultura lá. Ela ajuda muito a comunidade, ajuda as crianças, ajuda o povo a sua volta. Mas ela é perseguida por racistas, por seguidores de outra religião, religião neopentecostal. Ela é muito perseguida.

A gente está junto com ela, estou, nós estamos, todos estão junto com ela. Somente o poder público para defendê-la desse racismo total. Ela sofre seguidamente, processo após processo, querendo que ela não pratique a tradição dela, que é milenar, que vem de raízes, vem desde África essa tradição, que é o Batuque da Nação Òyó. Ela sofre muito sim, sofre uma diáspora forte, um racismo forte.

Mas a justiça de hoje, os elementos que estão hoje na justiça, na região dela, estão vendo e estão trabalhando em favor dela, em defesa dela. Ainda bem, porque a anterior não trabalhava, na anterior, a maioria que estava no poder judiciário talvez fosse dessas igrejas. E sendo eles, as autoridades, das igrejas neopentecostais, eles não nos defendem. Eles fazem vista grossa, não dão a atenção devida e até, se deixar, eles ajudam também a nos punir, sem eles terem autoridade para isso, sem nós estarmos errados. E a Ìyá Cláudia não está errada, está fazendo a tradição que veio lá com a escravidão, desde longe, desde antes, está aqui conosco desde sempre.

Como são as suas aulas de idioma Yorùbá? O que tem interesse em mostrar nessas aulas e o que eles querem aprender?

Eu dou o curso de idioma Yorùbá para um grupo que se chama as Meninas Crespas⁸, da professora

Perla Santos, fica na Restinga. Dou o curso na casa da mãe Cláudia Chu, dou o curso na casa da mãe Sandra⁹, também em Alvorada, e dou o curso também, vou começar, num projeto de extensão no Colégio de Aplicação da UFRGS.

A importância que quero passar a essas crianças e adultos, ao aprender o idioma, principalmente crianças, é para que volte às raízes, com esse idioma Yorùbá ele volta novamente à fala dos seus antepassados. Antepassado já foi, mas ele deixou uma raiz, ele deixou portas, ele deixou legado, ele deixou terra, ele deixou familiares assentados nas suas terras. Essas famílias, através de mim, e de outros professores que tem, estão aprendendo o idioma Yorùbá. Através de mim, estão tentando a chance de aprender o idioma Yorùbá. É essa que é a minha visão, que ao aprender o idioma Yorùbá se aprenda também a cultura de Òyó, que é a cultura de Batuque. É isso mesmo que também quis trazer através do meu livro. Não é à toa que hoje eu estou como conselheiro da língua Yorùbá dentro do Colegiado da Diversidade Linguística que tem na Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. É importante sim nós aprendermos a nossa língua mãe.

Nos últimos anos se falou muito sobre os Encontros de Saberes e a presença de mestres, mestras e griôs no espaço acadêmico, por exemplo com o reconhecimento do Notório Saber. O que acha desta movimentação?

Na realidade, existe a lei de 10.639, assinada em 2003 pelo presidente Lula. Essa lei é o que? É ter cultura africana dentro das escolas. E tem que ser até dentro da faculdade. Escola municipal, estadual e dentro da academia. Mas onde está o conhecimento? Qual é a importância disso?

⁸ Mais informação sobre o projeto “Meninas Crespas” em matéria do jornal *Gaúcha Zero Hora*: “Iniciativa propõe ensino de idioma africano e criação de biblioteca comunitária na Restinga” (27/05/2019). Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/05/iniciativa-propoe-ensino-de-idioma-africano-e-criacao-de-biblioteca-comunitaria-na-restinga-cjw5lrzhe001j01s9m3xae1yr.html>

⁹ Para uma descrição das aulas de Yorubá do Mestre Cica de Òyó na casa de Iyá Sandra de Xapanã, ver capítulo “Aulas de yorubá em casas de religião”, em: SALOM, Julio Souto. *Quando chega o griô: conversas sobre a linguagem e o tempo com mestres afro-brasileiros*. Tese (Doutorado) Programa de Pós Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019. p. 188-230. <http://hdl.handle.net/10183/200581>

Eu acho muito importante ir lá nos *griôs*, ir lá nos mestres, ir lá nas casas de terreiro. Onde estão os *griôs*, os mestres e as mestras? É saber por nós o que é África. É saber por nós o que é cultura, o que é Òyó. Aí eu tenho certeza que a lei pode ser cumprida com mais legitimidade, quando venha falar conosco.

A nossa bacia é território de falantes de Yorùbá, língua que ainda está viva até o dia de hoje. Minha linhagem sempre falou o idioma, e outras também, e eu continuo com essa tradição do falar e ensinar o idioma Yorùbá para quem pratica e é simpatizante, seja na tradição ou na Educação Municipal, Estadual ou na Universidade. Então, digo, o que é da tradição de Òyó nunca foi abandonado nem esquecido entre nós, no Brasil. (“A roda na tradição do Batuque”, OYÒ, 2021, p. 158).

Então é, sim, muito importante o mestre e a mestra e *griô* estarem nessa convivência social, nessa convivência dentro de faculdade, nessa convivência dentro da comunidade, nessa convivência dentro das escolas municipais e estaduais. Em rodas, dando aula, participando das escolas, dando aula como professor na academia, nós como mestres e mestras e *griots*, nós temos sim competência de contar a nossa história como ela tem que ser relatada e contada dentro da faculdade.

Na minha visão, não é o acadêmico que está lá, sendo muitos e muitos, a maioria, de outra etnia, com outro segmento, que vai saber. Ele não tem a imaginação, nem ideia do que é um povo de terreiro, de um povo de tradição, do que é um povo de conhecimento oral, um povo de conhecimento de raiz, de origem, que viveu muito, como foi o meu caso.

Vivi com pessoas antiquíssimas, que morreram com 123 anos, uns com 110, outros com 112, um com 100, os quais eu convivi, oralmente aprendendo, sabendo deles, a história deles, contada por eles, como que eu não vou me tornar um mestre? Como que eu não iria me tornar um *griô*? Nós temos sim condições de ajudar a academia, nós temos sim de sentar numa sala e passar o nosso conhecimento, pela nossa aula.

Nós não buscamos o conhecimento eurocentrado, não conseguimos buscar o nosso conhecimento em livros escritos por acadêmicos, antropólogos, escritores da área história, se é contado por eles o que é a nossa tradição, o que é a nossa África, o que são os nossos costumes, nossa cultura, o nosso viver. Nós soubemos, nós ouvimos desde criança, nos terreiros, pelos mais velhos, o que é a cultura, o que é o lidar com Òrìṣà,

lidar com inquice, lidar o vodum, de onde eles eram, como chegaram, qual a importância deles dentro da vivência das famílias da comunidade.

Então, eu tenho certeza que enquanto não tiver na academia esses doutores, esses professores que eu chamo de mestres e mestres e *griots*, essa proposta do ensino de cultura africana não se desenvolve, vai ter só fala centrada no europeu.

Referências bibliográficas

OYÓ, Mestre Cica de. **O Batuque de nação Oyó no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Hucitec / Porto Alegre: GEL Cultura Africana, 2021.

SALOM, Julio Souto. **Quando chega o griô: conversas sobre a linguagem e o tempo com mestres afro-brasileiros**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2019.

